

HORTICULTURA EM MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICO

1. Perfil do produtor

- Nome: José David Garrido das Neves
- Morada: Rua de S. Miguel, 662 - S. Cosme
- 4420-139 Gondomar
- Data de nascimento: 14 de Janeiro de 1961
- Habilitações literárias: 9º ano de escolaridade Formação específica em MPB: Curso de Agricultura Biológica (70 horas) em 2003
- Estado civil: casado, 2 filhas
- Vínculo jurídico à exploração: É proprietário; uma das parcelas é cedida graciosamente
- Ocupação temporal na actividade: a tempo inteiro



Figura 1 – O produtor

2. Exploração

2.1. Antecedentes históricos

A exploração é cultivada exclusivamente com culturas hortícolas desde que passou para a posse do actual proprietário, em 1987. Antes dessa data fazia parte de uma exploração maior, pertencente ao seu pai. Este era essencialmente um horticultor, embora produzisse também algum milho-grão, para autoconsumo, e algum azevém para alimentação de 3 ou 4 bovinos que utilizava no trabalho agrícola.

Trata-se, portanto, de uma exploração com uma tradição de algumas décadas dedicada à horticultura (pelo menos nos últimos 50 anos). O pai do actual proprietário, embora fosse um horticultor convencional, já utilizava poucos adubos e produtos fitossanitários de síntese. No manejo dos animais que possuía, havia produção de estrume, que era posteriormente espalhado nos terrenos. Na fertilização dos solos, além do estrume, recorria também a quantidades abundantes de carnaz (resíduos de curtumes sem metais pesados) proveniente de uma fábrica existente nas redondezas, entretanto encerrada (há cerca de 20 anos). Quando, em 1987, a exploração passou para o actual proprietário, este continuou a tradição familiar de recorrer com parcimónia a produtos químicos de síntese na fertilização e tratamento das culturas.

2.2. Motivação para a conversão e início do processo

Embora não sendo um fundamentalista, sempre teve a convicção que os produtos agrícolas cultivados de um modo mais natural, com poucos adubos e pesticidas, eram mais saborosos e benéficos para a saúde. Não era, portanto, devido apenas à tradição familiar que desenvolvia este tipo de agricultura antes do período de conversão. No entanto, sentia que quando vendia os produtos que cultivava, o rendimento que obtinha não reflectia os cuidados que tinha e os riscos que corria, de modo que tentou informar-se sobre os passos a dar para se certificar como produtor biológico.

Os primeiros técnicos que contactou, pouco sensibilizados para o assunto, não lhe forneceram grande ajuda. Mais tarde, um familiar de um dos seus clientes, também entusiasta da produção biológica, prontificou-se a pesquisar na Internet sobre o assunto, tendo chegado ao conhecimento da realização da 1ªFeira de Agricultura Biológica, realizada no Mercado Ferreira Borges, no Porto, em 1999. Na visita a essa feira, o sr. Garrido teve oportunidade de contactar com alguns produtores, empresas de comercialização e certificação e adquirir alguns produtos, tendo regressado a casa com a convicção reforçada de que o seu futuro passaria pela produção biológica.

Pouco tempo depois da Feira foi contactado pela Sativa para uma visita à sua exploração, tendo encetado conversações que culminaram com a assinatura de um contrato em 29 de Julho de 2003, altura em que começou o processo de conversão para o MPB.

A opção por esta OPC foi circunstancial, tendo sido a primeira que o contactou. Como não teve redução do período de conversão, este decorreu durante o período normal de 2 anos. A Sativa efectua 1 ou 2 visitas por ano à exploração, cobrando cerca de 300 por ano pela prestação de Serviços de Controlo e Certificação.

Tornou-se sócio da Agrobio em 2004, tendo assinado com esta associação um contrato de assistência técnica (01/01/2004) que perdura até hoje. A técnica que acompanha a exploração efectua visitas com uma periodicidade de 3 ou 4 meses, e sempre que se verifique alguma ocorrência extraordinária, desde que não possa ser resolvida telefonicamente.

A notificação relativa ao Modo de Produção Biológico deu entrada no IDRHa em 20 de Outubro de 2003.

Actualmente, o consumo de produtos biológicos do produtor e o seu agregado familiar resume-se às hortaliças, frutas e ovos, que produz e/ou que adquire à Biofrade; pontualmente, durante o ano, alguns destes produtos são de agricultura convencional. Pondera alargar a gama de produtos biológicos consumidos, num futuro próximo, nomeadamente alguma carne, uma vez que a Biofrade também transporta produtos de origem animal para alguns clientes do Norte.



Figura 2 – Aspecto de um dos campos

2.3. Localização e características da exploração

A área cultivada da exploração é de cerca de 21 000 m², sendo constituída por 5 parcelas não contíguas, com a distribuição espacial que mostra a Fig. 2. Destas 5 parcelas, apenas a parcela 4 não é propriedade sua, tendo sido cedida graciosamente, apenas com a incumbência de a manter limpa de silvas e outras infestantes.

A exploração está localizada no concelho de Gondomar, quatro das parcelas na freguesia de S. Cosme e uma (Parcela 5) em Valbom (Fig. 3).

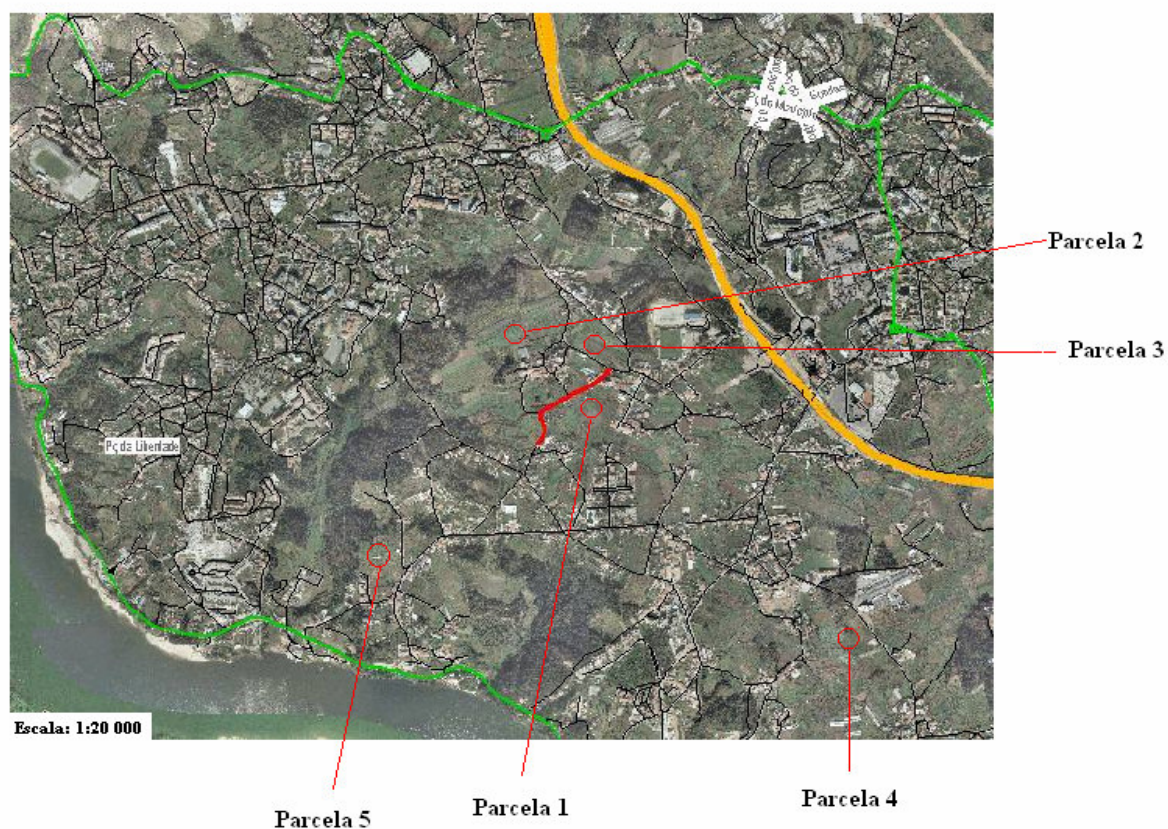


Figura 3 - Distribuição espacial das parcelas da exploração do Sr. Garrido. No canto superior direito pode ver-se parte da cidade de Gondomar e no canto inferior esquerdo, o rio Douro.

PARCELA 1

A parcela 1, conhecida por Campo da Vinha ou Ribeiro, tem uma área aproximada de 4300 m². A ocupação actual (fim de Fevereiro de 2007) da parcela é a seguinte:

Culturas	Área (m ²)	Data de Sementeira (S)/Plantação (P)	Origem das sementes/plantas
Couve Penca	400	(P) Início de Setembro	Semente própria
Couve-flor	200	(P) Fim de Novembro	Viveiros Triplanta
	200	(P) Fim de Janeiro	Viveiros Triplanta
Couve brócolo	200	(P) Fim de Novembro	Viveiros Triplanta
	200	(P) Fim de Janeiro	Viveiros Triplanta

Culturas	Área (m ²)	Data de Sementeira (S)/Plantação (P)	Origem das sementes/plantas
Couve lombarda	200	(P) Fim de Novembro	Viveiros Triplanta
	200	(P) Fim de Janeiro	Viveiros Triplanta
Couve coração	200	(P) Fim de Novembro	Viveiros Triplanta
	200	(P) Fim de Janeiro	Viveiros Triplanta
Nabal (nabiças e grelos)	400	(S) Meados de Janeiro	Semente própria
Sem cultura *	1500		

* Estão previstas mais duas datas de plantação de couve-flor, brócolo, lombarda e coração.



Figura 4 – Vista aérea da Parcela 1 (delimitada a vermelho).

PARCELA 2

A parcela 2, conhecida por Espinheiro de Baixo tem uma área aproximada de 3400 m². A ocupação actual da parcela é a seguinte:

Culturas	Área (m ²)	Data de Sementeira (S)/Plantação (P)	Origem das sementes/plantas
Ervilha de quebrar	600	(S) Início de Novembro	Semente própria
	150	(S) Meados de Dezembro	Semente própria
	300	(S) Medos de Janeiro	Semente própria
Sem cultura *	2350		

* Ainda não está definida a cultura



Figura 5 – Vista aérea da Parcela 2 (delimitada a vermelho).

PARCELA 3

A parcela 3, conhecida por Campo da Levada tem uma área aproximada de 3000 m².



Figura 6 – Vista aérea da Parcela 3 (delimitada a vermelho).

A ocupação actual da parcela é a seguinte:

Culturas	Área (m ²)	Data de Sementeira (S)/Plantação (P)	Origem das sementes/plantas
Fava	750	(S) Início de Novembro	Semente própria
Nabal (nabiças e grelos)	300	(S) Início de Agosto	Semente própria
Sem cultura *	1950		

* Está previsto alho-porro em cerca de 500 m²

PARCELA 4

A parcela 4, conhecida por Campo da Cavada tem uma área aproximada de 3500 m². Esta parcela está temporariamente desocupada. Está previsto efectuar plantações escalonadas de alho-porro, no entanto, o facto de ser uma parcela com problemas de drenagem e as últimas semanas terem sido bastante chuvosas, tem adiado esta intenção.



Figura 7 – Vista aérea da Parcela 4 (delimitada a vermelho).

PARCELA 5

A parcela 5, conhecida por Penedo tem uma área de aproximadamente 6800 m². A ocupação actual é a seguinte:

Culturas	Área (m ²)	Data de Sementeira (S)/Plantação (P)	Origem das sementes/plantas
Alface	600	(P) Início de Novembro	Viveiro Triplanta
	750	(P) Fim de Janeiro	Viveiro Triplanta
Alho-porro	800	(P) Fim de Outubro	Viveiro Triplanta
Culturas	Área	Data de	Origem das

	(m ²)	Sementeira (S)/Plantação (P)	sementes/plantas
Nabal (nabiças e grelos)	600	(S) Meados de Janeiro	Semente própria
Alfobre de cebolo	500	(S) Início de Novembro	Semente própria
Várias em Estufa Tomate Feijão-verde Espinafre	150	Fim de Janeiro	Semente própria (feijão e espinafre) Viveiro Triplanta (tomate)
Sem cultura *	3400		

* Irá plantar cerca de 800 m² de batata em fim de Março



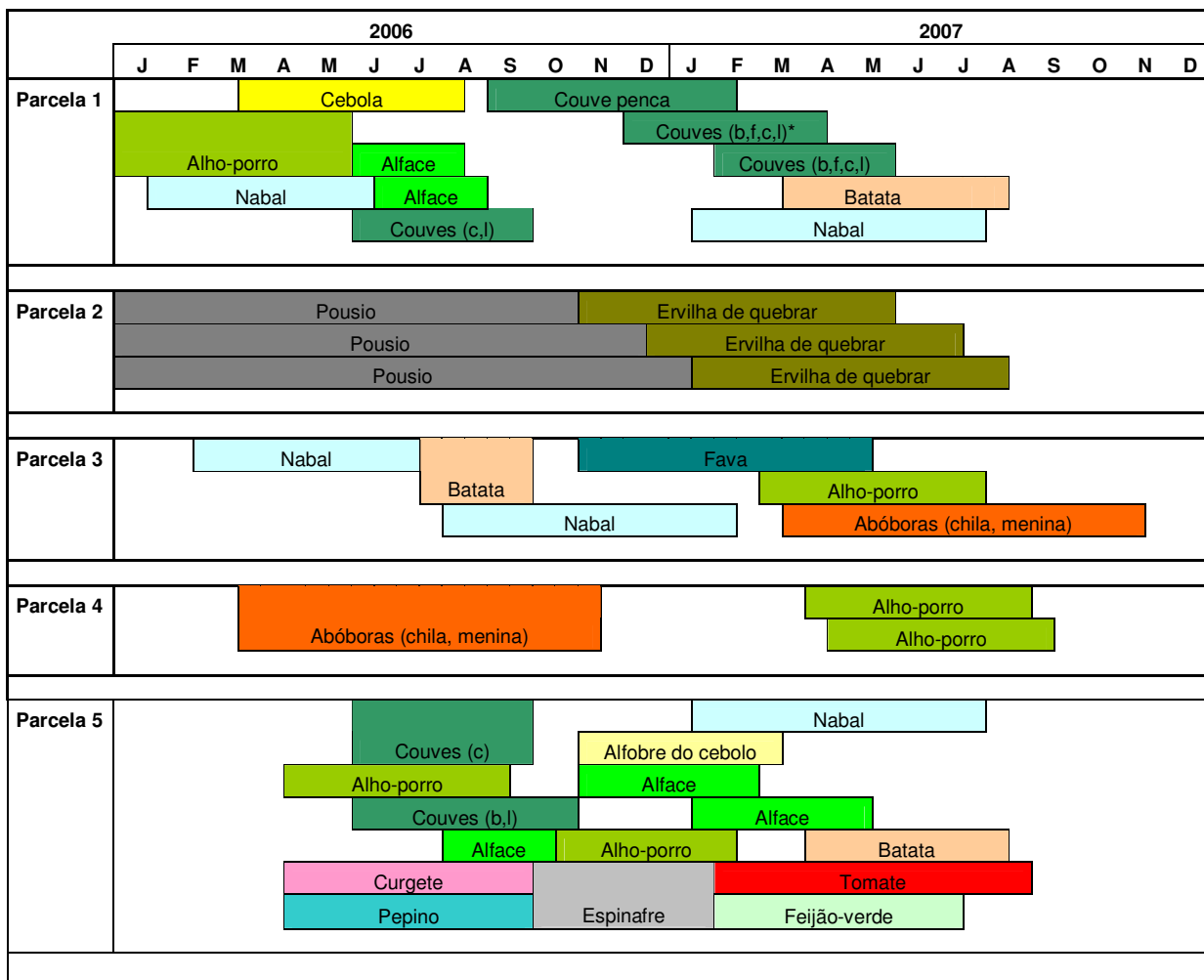
Figura 8 – Vista aérea da Parcela 5 (delimitada a vermelho).

3. Afolhamentos e rotações de culturas

O produtor, embora revele preocupação com a alternância de culturas, não repetindo espécies da mesma família, em determinado terreno, em anos consecutivos, não pratica uma rotação de culturas planeada e sistematizada (Figura 9). A decisão sobre a cultura a instalar e a área que irá ocupar é tomada com pouca antecedência, mediante análise da conjuntura, nomeadamente preços dos produtos, procura, condições climatéricas, disponibilidade de sementes ou plantas, etc. A médio e longo prazo esta falta de planeamento poderá acarretar problemas, uma vez que a rotação tem uma importância fundamental na agricultura biológica, sobretudo por razões de fertilidade dos solos e sanidade das culturas. O facto de não ter as parcelas divididas em folhas dificulta imenso a elaboração do histórico da ocupação da parcela e o planeamento da ocupação futura.

Nas visitas efectuadas à exploração, verificou-se que algumas parcelas estão subaproveitadas, com ervas infestantes. Aumentar a introdução de mais leguminosas na rotação, para favorecer a

fixação de azoto no solo, uma vez que a exploração não tem animais e introduzir algumas cultura para adubo verde, teria um impacto positivo na rentabilidade da exploração e na qualidade dos produtos.



* b - couve brócolo; c - couve coração; f - couve-flor; l - couve lombarda

4. Principais operações culturais

4.1. Fertilização

Nesta exploração, o estrume, constituído pelos e dejectos e camas dos animais, nunca foi um recurso muito utilizado, mesmo no tempo em que a exploração pertencia ao pai, por terem poucos animais e por ser dificilmente disponível na região. Como já foi referido, quando a exploração pertencia ao pai, antes de 1987, recorriam com frequência ao carnaz (autorizado em agricultura biológica como fertilizante orgânico) proveniente de uma fábrica de curtumes. Como exemplo das quantidades aplicadas, poder-se-á dizer que na parcela 1 deitava meia dúzia de reboques, duas a três vezes por ano. Já depois de 1987, quando a fábrica já tinha encerrado, e até à conversão para o MPB, o produtor utilizava o Fertor como fertilizante orgânico e nenhum

adubo químico. Durante 2 ou 3 anos fez queimadas de lenha (sem tratamento químico após o abate), distribuindo as cinzas pelos terrenos, para aumentar o teor de fósforo do solo.

Desde o início da conversão, a matéria orgânica incorporada ao solo resume-se aos restos das culturas que ficam no terreno após as colheitas e às ervas infestantes que crescem no período entre culturas.

Até agora, não tem feito compostagem porque acha que não tem tido necessidade. Apesar disso, está convencido que num futuro próximo irá ter que aumentar o fornecimento de matéria orgânica ao solo para que a sua fertilidade não diminua. Vê isso com alguma apreensão porque, como a exploração não tem animais, não tem possibilidade de produzir estrumes e nas explorações vizinhas terá alguma dificuldade de arranjar. Uma possibilidade a considerar será a produção de culturas para adubo verde, um recurso barato que poderá introduzir na rotação de culturas. Como complemento poderá adquirir algum fertilizante orgânico autorizado, necessariamente mais dispendioso.

Embora tenha referido que retira amostras de solo para análise com uma frequência anual, os últimos resultados que tem são do início de 2004 (Quadro 1). Assim, é impossível avaliar as condições actuais de fertilidade do solo. As amostras são colhidas pelo produtor que, numa visita efectuada, demonstrou conhecer os passos correctos para a sua colheita. Depois de colhidas, as amostras, são enviadas para a Agrobio que as encaminha para o Laboratório Rebelo da Silva, em Lisboa.

Quadro 1 - Resultados da última análise de terra (Efectuada em Fevereiro de 2004)

	Parcelas			
	1	2	3	5
P₂O₅	+200 M.A.*	+200 M.A.	+200 M.A.	+200 M.A.
K₂O	+200 M.A.	+200 M.A.	+200 M.A.	+200 M.A.
MgO	+125 M.A.	+125 M.A.	110 A.	+ 125 M.A.
M.O.	+6% A.	6% A.	5,2%	6% A.
pH	7,5 Neutro	7,4 Neutro	6,7 Neutro	7,7 Ligeira. alcalino
Necessid. Ca	0	0	0	0

* M.A – muito alto; A. - alto

4.2. Mobilizações do solo

Máquinas e alfaías que possui na exploração:

- Tractor (60 cv)
- Grade de discos
- Charrua de 1 ferro
- Escarificador abre-regos
- Fresa
- Motofresa
- Broca
- Riper
- Reboques
- Pulverizador
- Pulverizador de dorso
- Queimador a gás de dorso para monda térmica

Na generalidade dos casos, as mobilizações do solo que antecedem a instalação das culturas são as seguintes: se o terreno tiver bastantes ervas ou restos da cultura anterior, faz previamente uma mobilização com grade de discos para destruir a vegetação e fazer uma pré-incorporação. Em seguida lavra com charrua, seguindo-se de uma passagem com um escarificador abre-regos. Eventualmente, se a cultura necessitar, regulariza a superfície do terreno com a sachola. Para certas culturas, o procedimento sofre algumas alterações, referidas de seguida.

Para a sementeira do nabal, se não houver grande infestação de ervas, começa por fazer uma lavroua seguida de uma passagem com o escarificador abre-regos; depois procede à sementeira a lanço e, de seguida, passa novamente o abre-regos para incorporar a semente. A superfície do terreno não fica muito regular, nem a semente uniformemente enterrada, no entanto, sobretudo nos terrenos com um ligeiro declive, o produtor garante que esta relativa irregularidade impede o escoamento superficial das águas e a erosão.

Na preparação dos viveiros de cebolo e penca, após a lavroua é efectuada a sementeira a lanço, seguida por uma passagem com a motofresa para incorporar a semente e regularizar a superfície do terreno.

4.3. Regas

Os resultados das análises de água que tem efectuado, dos vários poços que tem nas parcelas, têm mostrado que é potável.

As diversas parcelas dispõem de poços com água suficiente para suprir as necessidades das culturas. A excepção é o da parcela 2 que, em anos secos, pode secar, como aconteceu em 2006, tendo levado mesmo à anulação da plantação da batata.



Figura 10 – Campo com sistema de rega instalado

O sistema de rega que mais utiliza é a aspersão, possuindo tubagens com aspersores e um pequeno canhão fixo.

Em certas culturas, como a ervilha, abóbora, fava, tomate, feijão-verde, para não favorecer o desenvolvimento de doenças criptogâmicas, a rega é feita pelo pé. Nas culturas de ervilha e fava, devido à época do ano em que são realizadas, normalmente não são necessárias regas, uma vez que o teor de humidade do solo é suficiente para suprir as necessidades das culturas. Na cultura

da batata, o tipo de rega depende da dimensão da parcela ocupada pela cultura; se for reduzida, rega por escoamento superficial, se for elevada rega por aspersão.

4.4. Sementeiras e plantações

A instalação das culturas é feita por:

- **sementeira directa**, no caso do nabal e abóboras
- por **transplantação**
 - de **raiz nua**, no caso da cebola
 - de **raiz protegida** (plantas em tabuleiros alvéolados cheios de turfa), nas restantes culturas.

As sementes de nabo, abóbora, cebola, feijão-verde e couve penca são suas, guardadas em frascos de um ano para o seguinte. Nas restantes culturas, as plantas são adquiridas a um viveirista de Santarém (Triplanta) em tabuleiros alvéolados. Não tem tido reclamações da qualidade das plantas provenientes do viveiro, tendo-lhe chegado sempre em boas condições, transportadas pela Biofrade em camião refrigerado. Não faz exigência de variedades, recebendo as que o viveiro lhe envia, pelo que nem sequer tem a preocupação de saber os nomes das variedades que cultiva. Apenas combina com o viveirista, com alguns dias de antecedência, as quantidades e a data de envio.

A exploração não dispõe de qualquer semeador ou plantador, pelo que estas operações são manuais. As sementeiras do nabal e dos viveiros do cebolo e penca são feitas a lanço e todas as culturas restantes são plantadas em linhas, aproveitando as linhas do espigoado deixado pelo escarificador abre-regos (Figura 11).



Figura 11 - Plantação de alface num terreno mobilizado com o escarificador abre-regos.

Nas culturas de alface, couve coração e couve lombarda, como têm caule curto, a plantação é feita na parte alta do cômodo, enquanto que nas culturas de alho-porro, couve brócolo e couve-flor, a plantação é feita no fundo do rego.

Os compassos de plantação utilizados para as principais culturas são:

Batata: 40x20cm
Alface: 30-40x20cm
Couves: 40x30cm
Alho-porro: 40x10cm
Cebola: 30x15cm
Tomate: 50x50cm

4.5. Amanhos culturais. Mondas e amontoas

A monda de infestante é feita quer manualmente, com sachola, quer com o queimador a gás de dorso, de chama directa. Em algumas culturas existem particularidades que interessa referir.

No nabal a sementeira é feita a lanço, o que dificulta a monda de ervas. Assim, existe normalmente uma infestação elevada de infestantes, pelo que o produtor utiliza uma densidade de sementeira mais elevada. Na altura da colheita de nabijas, que serve também de desbaste da cultura, aproveita para eliminar manualmente algumas ervas que não foram abafadas pela cultura.

O queimador de dorso é utilizado na monda nas culturas de alho-porro, cebola e alface. Nas restantes culturas a monda é feita com a sachola. Nas culturas que são plantadas no fundo do rego, como o alho-porro e as couves-flor e brócolo, a sacha é aproveitada para se fazer simultaneamente a monda de infestantes e amontoa.

4.6. Tratamentos fitossanitários

Não tem feito tratamentos nenhuns e, até agora, não tem tido problemas fitossanitários graves, que causem prejuízos elevados nas culturas.

No caso da batata, faz normalmente a plantação mais tardia para fugir a um ataque mais severo do escaravelho. Na cultura da abóbora é usual aparecer um ataque de oídio no fim da cultura, mas como a maior parte dos frutos já está formada, não causa grandes prejuízos.

Não tem tido problemas de toupeiras, quando aparecem deita água nos buracos.

4.7. Colheitas

Como não dispõe de qualquer instalação frigorífica, as colheitas são efectuadas na véspera dos dias de venda. Assim, como às 4^{as} feiras e sábados são, respectivamente, os dias em que passa o camião da Biofrade e que ocorre a feira de produtos biológicos no Parque da Cidade, as colheitas são feitas na 3^a feira e 6^a feira e, eventualmente, pequenas quantidades no próprio dia de venda. Enquanto que a Biofrade transporta os produtos em camião refrigerado, o Sr. Garrido transporta os produtos para a feira sem qualquer sistema de frio.

A cultura do espinafre é considerada pelo produtor como a mais produtiva, considerando o balanço custo/benefício. É uma cultura que exige muito poucos cuidados e produz durante um longo período do ano. Também tem a particularidade de não ser necessário efectuar sementeiras anuais porque a cultura auto-renova-se ao deixar cair a semente.

5. Comercialização

A comercialização dos produtos é feita fundamentalmente por duas vias: através da Biofrade (empresa da Lourinhã que produz e comercializa produtos biológicos) e através da Feira

Biológica do Parque da Cidade do Porto, onde possui uma banca disponibilizada pela Câmara do Porto.

O produtor tem uma parceria alargada com a Biofrade que não se limita à venda dos seus produtos à empresa. A parceria inclui o transporte, por parte da Biofrade, de plantas da Triplanta (viveirista de Santarém) para a exploração em Gondomar. Além disso, o produtor vende frutas e algumas hortícolas da Biofrade na Feira do Parque da Cidade.

O camião da Biofrade vem todas as semanas, à 4ª feira, ao Norte distribuir produtos pelas lojas e desloca-se a Gondomar para levar produtos e trazer também.

Com a Biofrade a parceria é apenas verbal, não existe contrato assinado. Fazem o encontro de contas de 3 em 3 meses. O Sr. Garrido representa-os na feira do Parque da Cidade, vendendo-lhes algumas frutas. A laranja, tangerina e limão são do Algarve. Às vezes vem maçã e pêra importada. Por sua vez, a Biofrade vende os produtos do Sr. Garrido nas feiras do Príncipe Real em Lisboa e na de Oeiras e também em algumas lojas dos seus clientes. Tanto o Sr. Garrido como a Biofrade são responsáveis por todo o produto do respectivo parceiro que não conseguirem vender. Se, por exemplo, em determinada semana o Sr. Garrido não conseguir vender toda a fruta, na semana seguinte encomenda menos.

Como já se referiu, além de vender para a Biofrade, também vende todos os sábados na feira do parque da cidade há cerca de 1 ano e meio, a convite da Câmara Municipal do Porto. Este é o seu local preferencial de venda, porque é aqui que consegue obter os melhores preços para os seus produtos (Quadro2). Consegue facturar pelo menos cerca de 300 a 400 euros em cada manhã de sábado.

Quadro 2 - Exemplo de alguns preços registados em fins de Março na feira do Parque da Cidade.

Produto	Preço/kg (€)	Produto	Preço/kg (€)	Produto	Preço/kg (€)
Alface	2,00	Curgete	5,00	Ameixa	3,20
Alho-porro	2,50	Espinafre	3,00	Kiwi	1,80
Alho seco	7,00	Grellos	3,00	Laranja	2,00
Batata	1,60	Nabo	2,70	Limão	1,50
Brócolo	3,00	Salsa	0,80/molho100g	Maçã	3,00
Cenoura	2,00			Pêra	2,70
Cebola	3,00			Ovos	1,80/meia dúzia

A Biofrade, apesar de pagar preços mais baixos, é muito importante para a actividade do sr. Garrido pelo volume de produtos que escoar. O primeiro contacto aconteceu logo na altura da 1ª Feira do Mercado Ferreira Borges e comercializa os seus produtos já desde a fase de conversão. Os preços dos produtos são negociados entre ambos, atendendo aos valores que correm em Lisboa. Em relação aos produtos da Biofrade que comercializa na feira do Parque, o Sr. Garrido fica com uma margem de lucro de 15 a 20%.

Em relação à qualidade dos produtos, a Biofrade não tem tido razões de queixa. Em nenhum produto tem exigido calibres mínimos, fazendo ocasionalmente alguns reparos ao tamanho excessivo das alfaces.

Também já vendeu produtos para uma empresa familiar do Porto que fazia distribuição de cabazes pelos clientes aderentes. Neste momento já deixou de lhes vender devido a dificuldades em receber e também porque, por vezes, o valor dos produtos que tinha de ir entregar ao Porto não compensava o transporte.

A Interbio (Associação Interprofissional para a Agricultura Biológica) é uma associação sem fins lucrativos, constituída em fins de 2005, que tem por objecto a defesa e representação dos interesses dos operadores de agricultura biológica, nomeadamente na procura de vias para o escoamento dos produtos dos associados. Embora o Sr. Garrido não seja ainda associado, pode desempenhar um papel importante na venda de alguns produtos, como aconteceu em 2006, na venda de cerca de 30 toneladas de cebola para exportação.

6. Principais dificuldades sentidas pelo produtor

As principais dificuldades sentidas pelo produtor prendem-se, principalmente com a falta de dimensão da exploração que lhe permita ter um volume de produção maior e mais regular ao longo do ano, complementada por uma certa área de abrigos elevados para produção durante a época mais fria do ano.

Também sente alguma falta de apoio financeiro por parte do Estado, uma vez que já concorreu às Medidas Agro-ambientais e não foi contemplado, não dispondo de capacidade financeira que lhe permita aceder a certos factores de produção, bastante dispendiosos no MPB.

7. Perspectivas para o futuro

A Biofrade, que é o seu principal cliente permite-lhe escoar uma quantidade de produtos muito superior à que produz actualmente, por isso, tem ainda uma larga margem de crescimento sem que tenha problemas de comercialização, que costuma ser um dos principais constrangimentos da actividade.

Assim, ambiciona adquirir um terreno próximo dos seus, que lhe permitiria duplicar a área que possui. No entanto, debate-se com algumas limitações financeiras, que não lhe permitem concretizar este objectivo. Aguarda com certa expectativa o próximo QCA, e as possibilidades que este contemple na ajuda ao investimento na área da agricultura biológica. Só assim poderá ponderar o aumento da área produtiva e o investimento em factores de produção e na renovação do escasso e envelhecido parque de máquinas.